

As igrejas e o nacionalismo em Angola

O Pastor Henderson viveria longos anos em Portugal onde escreveu a sua História da Igreja em Angola, obra ecuménica de referência. Frei Bento Domingues fez o prefácio e apresentou o autor como um cristão notavelmente culto e notavelmente ecuménico. A imagem que melhor corresponde à Igreja em Angola é a de um rio muito vasto atravessado por várias correntes. Esta é – como escreveu D. António Ferreira Gomes ao Dr. Joaquim Pinto de Andrade – a Igreja essencial. [...] Pastores e Padres envolveram-se num processo imparável que viria a ter um ponto de chegada e também de partida: 1975, a independência

Tony Neves

Espiritano. Professor em Ciência das Religiões

Breve história da Evangelização

A entrada do Cristianismo em Angola

Manuel Nunes Gabriel foi Bispo de Malanje e Arcebispo de Luanda. Escreveu aquela que é considerada a História mais completa da presença da Igreja católica em Angola¹. As caravelas de Diogo Cão chegaram à foz do Zaire em 1482, tendo trazido para Lisboa quatro habitantes dali que foram instruídos na religião católica e baptizados. Estes regressariam ao Zaire em 1491, numa caravela que levava seis missionários. Assim começou a cristianização de Angola.² Nome de relevo é o do Bispo D. Henrique, nascido a 1495, o primeiro Bispo negro dos tempos modernos, filho de Dom Afonso I, Rei do Congo. Este é ainda hoje considerado o maior apóstolo do Reino do Congo e 'os 40 anos de Reinado de D. Afonso – diz D. Eduardo Muaca – foram a época de ouro da evangelização do Congo'.³ O Pastor Benedict Schubert, na sua tese de doutoramento, apresenta um balanço do trabalho pastoral de D. Afonso: 'É impossível avaliar se as esperanças que D. Afonso tinha a partir da sua fé chegaram a realizar-se. O que, porém, é possível provar, e de facto se comprovou, é a sua

¹ Cf. GABRIEL, Manuel Nunes, *Angola. Cinco Séculos de Cristianismo*, Edição Literal, Braga 1978, 648 pp.

² Cf. *Ibidem*, pp. 55-58.

³ MUACA, Dom Eduardo, *Breve História da Evangelização de Angola*, Ed. CEAST, Luanda, 1999, p. 43.

decepção com seus novos aliados, os portugueses. Ele tinha contado com a ajuda deles na catequização do seu povo. Porém, o interesse de Portugal pelo Congo e pela África em geral tinha esmorecido: naquela época, o Brasil tinha-se tornado a 'pérola do império' (... Sem êxito, porém, a primeira e breve florescência do Cristianismo no Congo rapidamente desvaneceu'.⁴

O Papa viria a criar a Diocese do Congo em 1596, dando-lhe por território os reinos de Angola e Congo, com sede em S. Salvador do Zaire (hoje, Mbanza Congo). A evangelização do Congo foi feito por membros do clero secular, por jesuítas e Capuchinhos. Com a tomada de Luanda por Paulo Dias de Novais (1576), começou a evangelização de Angola, feita pelo clero secular, jesuítas, franciscanos, capuchinhos e carmelitas.⁵ Mas 'a ocupação de Luanda pelos holandeses (1641-1648) e as guerras do sertão, sobretudo contra a Rainha Jinga, desorganizaram tanto a vida religiosa como a civil, que se foi recompondo após a Restauração. Houve, no entanto, comunidades cristãs que desapareceram com estes contratempos. Os fins do século XVII, todo o século seguinte e a primeira metade do século XIX são de decadência religiosa, como o foram também em vários aspectos da vida civil. A extinção da Companhia de Jesus, as dificuldades postas à vinda de missionários estrangeiros (...) e a extinção de todas as Ordens Religiosas na metrópole e seus domínios em 1834, foram uma machadada quase fatal na vida da Igreja naquelas terras'.⁶

A Igreja católica ainda consegue instalar um Seminário em Luanda em 1861.

Chegada da Congregação do Espírito Santo

Angola abre uma nova página com a chegada dos Missionários do Espírito Santo ao Ambriz a 14 de Março de 1866. Construíram dezenas de Missões, hospitais, Colégios, Escolas, Igrejas⁷. O Pastor Lawrence Henderson diz na sua *História das Igrejas de Angola*: 'A implantação da Igreja Católica em Angola ficou a dever-se essencialmente à obra desenvolvida pela Congregação do Espírito Santo. Esta comunidade missionária desenvolveu um papel de grande importância na História da Igreja em Angola(...). os Padres do Espírito Santo ajudaram a construir a Igreja em Angola, a qual assentou em três pilares: nos catequistas, nas escolas e na abnegação. Os catequistas eram o meio de conquistar as almas, as escolas o meio para se construir uma comunidade cristã, e a abnegação ou renúncia a têmpera que deveria guiar e proteger o missionário no seu serviço divino'.⁸

Os primeiros quatro séculos de evangelização não trouxeram grandes resultados. Monsenhor Alves da Cunha tentou explicar as causas do insucesso. Acuso os missionários de falta de metodologia, de pouco investimento na formação moral e, sobretudo, da falta do feminino. Monsenhor Alves da Cunha elogia o período que se segue, com a vinda dos Missionários do Espírito Santo (1866) e das Irmãs de São José de Cluny (1882): 'As nossas actuais escolas, os numerosos centros de catequese, as visitas dos missionários, a formação cuidadosa da família cristã, a cooperação das irmãs missionárias, que as missões antigas nem conheceram, a frequência dos sacramentos, constituem

⁴SCHUBERT, Pastor Benedict, *A Guerra e as Igrejas. Angola 1961-1991*, P. Schlettwein Publishing Switzerland 2000, p. 30.

⁵Cf. GABRIEL, Manuel Nunes, *o.c.*, pp. 82-115.

⁶GABRIEL, Manuel Nunes, *Padrões de Fé. As Igrejas Antigas de Angola*, Ed. Arquidiocese de Luanda 1981, p. 15.

⁷Cf. COSTA, Cândido Ferreira, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola. 1866-1966*, Ed. Espiritanos, Nova Lisboa, 1970, 430 pp.

⁸HENDERSON, Lawrence, *A Igreja em Angola*, Editorial Além-Mar, Lisboa, 1990, pp. 37, 39.

processo muito diferente do antigo e vão erguendo um edifício espiritual e social que a evangelização passada, por falta de método e experiência, nunca pôde realizar'.⁹

A economia de Angola foi profundamente alterada com a extinção do tráfico da escravatura, sobre o qual ela assentava. Começaram as sublevações, um pouco por todo o país. A Conferência de Berlim (1884-1885) definiu algumas regras de jogo e, no que diz respeito à Religião, decidiu que fosse possibilitada a entrada nas colónias africanas aos missionários de qualquer confissão religiosa. Os militares foram fazendo a ocupação do território. Mas, defende Benedict Schubert, '*em Portugal, a Igreja católica era a Igreja do Estado. O Protestantismo, no entanto, meramente tolerado. Portugal tinha assinado o documento final da Conferência de Berlim, comprometendo-se a proteger e promover todas as Missões, independente da sua procedência nacional ou confessional. O Governo se atinha a este compromisso, via os Protestantes, porém, com desconfiança. Pelo facto de promoverem mais a língua e a cultura local em detrimento da portuguesa, fazia com que fossem vistos como factor estranho e incómodo*'.¹⁰

O Decreto n.º 77 de 1921

A Revolução Republicana de 1910 trouxe crise à Igreja Católica e mais liberdade de acção aos Protestantes. Perante a lei e o direito, as Missões Católicas e Protestantes tinham uma posição igual. Mas como o objectivo era o 'aportuguesamento', os valores e as normas da cultura portuguesa, o general Norton de Matos, Governador de Angola, publicou o decreto 77, em 1921, para definir as regras de jogo. A liberdade religiosa é garantida e há que zelar pela melhoria das condições de vida do povo nativo e do aperfeiçoamento das suas capacidades, sem nunca pôr em causa a ordem pública. Só na catequese se poderia falar a língua local. Os escritos tinham de ser em português, exceptuando-se os escritos religiosos onde se podia fazer uma edição bilingue. O Estado prometia contribuições financeiras aos professores europeus que ensinassem bem o português. As actividades das Missões eram vigiadas para ver se o efeito 'civilizador' não era posto em causa. Caso contrário, o governo ameaçava com a extinção e a proibição.¹¹

A Fundação de Missões Católicas

Angola tem já muitas Missões centenárias, sobretudo resultado dos investimentos dos Missionários do Espírito Santo. Basta ver o índice do livro de Cândido Costa para verificar a quantidade de missionários enviados para Angola no primeiro centenário (1966) de presença e o número de infra-estruturas construídas e postas a funcionar. Adélio Torres Neiva apresenta números do centenário: '*Em 1966, após 100 anos de presença em Angola, os Espiritanos tinham a seu cargo 10 paróquias e 61 Missões, onde trabalhavam 202 padres e 50 irmãos. Ao todo, tinham fundado 88 Missões*'¹². Estas Missões foram sendo fundadas ao longo dos tempos, de norte a sul. Por Angola já passaram 1028 Espiritanos, 502 dos quais portugueses. Os Missionários do Espírito Santo enviaram

⁹GABRIEL, Manuel Nunes, *Angola, Cinco Séculos...*, p. 241.

¹⁰SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, pp. 34-35.

¹¹*Ibidem*, pp. 35-36; cf. ainda HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, pp. 286-287.

¹²NEIVA, Adélio Torres, *Congregação do Espírito Santo. História da Província Portuguesa (1867-2004)*, Ed. Espiritanos, Lisboa, 2005, p. 763.

para ali, antes da independência, padres e irmãos franceses, holandeses, belgas, alemães, suíços e espanhóis. Agora, para além de muitos angolanos, ali trabalham es-piritanos vindos de muitos países africanos.

É grande a contribuição científica dos es-piritanos em Angola, sobretudo nas áreas da Linguística, da Geografia Descritiva, da Botânica e da Etnografia. São cerca de 11 livros relacionados com a Linguística: *'gramática, dicionários e vocabulários, métodos lin-guísticos e manuais de conversação, livros de leitura, educação cívica e moral, livros escolares, catecismos, manuais de oração e cantos, evangelhos e histórias sagradas, etc. Destes, cerca de dois terços são escolares, o resto são de carácter religioso. As línguas mais estudadas são: fote, quioco, quicongo, quimbundo, mbunedo, ganguela, cuanhama, cuangar, diírico e muila (...). de entre todos merecem ser destacados o P. Albino Alves Manso, com o seu Dicionário Eti-mológico Bundo-Português, o Dicionário Português-Nhaneca do P. António Silva e a Gramática Mbundu do P. Francisco Valente.*¹³

Na Geografia Descritiva merece referência o P. Carlos Duparquet com as suas *Via-gens na Cimebásia*, que fornecem elementos importantes para a cartografia. O mesmo P. Duparquet foi um botânico distinto a quem se atribui a delimitação das zonas flóri-cas e florestais do Sul de Angola. Em Etnografia, os muitos missionários escreveram nas revistas da época, em Portugal e França, salientando-se a figura do P. Carlos Es-termann, o maior vulto da etnografia do sudoeste de Angola. Publicou a sua monu-mental obra *Etnografia do Sudoeste de Angola* (3 vols.), o que lhe valeu um doutoramento *honoris causa*, pela Universidade de Lisboa, para além de outras comendas.¹⁴

A promoção cultural e social dos Espiritanos avalia-se pelo número de Colégios, Es-colas de Formação de Professores, a fundação do Jornal *Apostolado*, a Rádio *Ecclesia*, a Casa dos Rapazes de Luanda, a Casa dos Rapazes de Nova Lisboa. Houve ainda uma aposta forte na formação do clero autóctone com a fundação dos seminários, sem dú-vida, a 'jóia da coroa' do trabalho dos Espiritanos em Angola. Começaram pelo de Luanda, depois transferido para a Huíla e, finalmente, de regresso a Luanda, em 1932 (entre 1936 e 1961 matricularam-se 559 alunos, dos quais 34 foram ordenados padres). Foi fundado o Seminário de Lândana (Cabinda) em 1879, passando depois para Lu-cula e Cabinda (frequentaram este seminário 791 alunos, dos quais 15 foram ordena-dos padres). O Seminário de Malanje foi fundado em 1927 (580 alunos e 24 padres). O Seminário da Caála, no Huambo, fundado em 1921, teve 1276 alunos, até 1962. O Seminário de Cristo-Rei, em Nova Lisboa (Huambo) abriu em 1947 e deu à Igreja 88 padres. O Seminário de Silva Porto (Bié) foi colocado na cidade em 1963, depois de passar pelo Galangue e pelo Nambi. O Seminário do Jau teve origem no antigo Semi-nário da Huíla que serviu Luanda de 1882 a 1907, recomeçou em 1932 e transitou para o Jau em 1938. O Seminário do Espírito Santo, para formar padres para a Congregação, só seria fundado a 15 de Outubro de 1965, às portas do Centenário da chegada dos Es-piritanos a Angola.¹⁵

A celebração do Centenário da Congregação do Espírito Santo em Angola, em 1966, foi feita com um programa que juntou todos os Bispos, a 5 de Fevereiro, em Nova Lis-boia, uma Exposição Missionária, uma Semana de Estudos Missionários, uma Festa de Acção de Graças e uma grandiosa manifestação de Fé.¹⁶ A Exposição Missionária mos-

¹³ *Ibidem*.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 764.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, pp. 761-767.

¹⁶ Cf. COSTA, Cândido, *o.c.*, pp. 415-422.

trava aos visitantes a actividade dos missionários durante cem anos: *'No campo da evangelização – Angola semeada de Missões (o número de fiéis aproxima-se dos dois milhões; no campo da instrução – Escolas em todas as Missões e muitas espalhadas pelo mato. Dezenas de livros escritos pelos missionários; no campo da formação profissional – oficinas em todas as missões, onde irmãos, mestres nas várias artes, formam milhares de artistas nativos; no campo da assistência – hospitais, dispensários e farmácias, onde doentes de todas as cores e credos encontraram alívio para os seus sofrimentos'*¹⁷.

Como diz John Bauer, *'até aos anos 40 (século XX), os Espiritanos foram os únicos missionários em toda a Angola. Trabalhavam sob a direcção da Propaganda, mas estavam ligados ao Bispo de Luanda'*¹⁸.

Depois dos anos 40, muitos Institutos de Vida Consagrada, Masculinos e Femininos, se instalaram em Angola. O Anuário Católico de 1988 (último que a Conferência Episcopal publicou) apresenta 19 Institutos Masculinos, 53 Femininos.¹⁹

Missões protestantes

Bauer refere também a chegada dos primeiros missionários Protestantes: *'A Junta Americana de Comissários para as Missões Estrangeiras fez a sua primeira expedição ao interior de África na direcção do Planalto Central. Em 1882, atingiram o Bié, que então ainda era um reino Ovimbundu. O mérito particular desta missão foi o de produzir um Novo Testamento em língua umbundu'*²⁰.

O Pastor Henderson refere a chegada dos primeiros missionários protestantes ao Norte de Angola: os enviados pela Sociedade Missionária Baptista de Londres (BMS) que chegaram a S. Salvador do Congo, em 1878. Ali se encontraram com o Rei do Congo que lhes pediu para ficarem na capital.²¹

Os Metodistas foram os primeiros protestantes a evangelizar a tribo kimbundu. William Taylor foi eleito pela Conferência Geral da Igreja Metodista Episcopal dos EUA como Bispo da África, em 1884. Em Janeiro de 1885, embarcaram, de Nova Iorque rumo a Luanda, 45 americanos metodistas que foram recebidos pelo Governador-Geral, a 20 de Março de 1885. Foram criando Missões em Luanda e no interior. Taylor esteve em Angola de 1885 a 1896.²²

Fernando Santos Neves, no seu livro *Para Um Ecumenismo Omnitotidimensional em Angola*, (impresso em Luanda em 1968, apreendido pela Pide na tipografia e reeditado em 1975) tem todo um capítulo sobre o momento ecuménico do protestantismo em Angola, escrito tendo como base textos do Pastor Henderson, de quem o autor é grande amigo de longa data. Ao falar das Missões Protestantes em Angola, salienta a do Dôndi, perto do Huambo: *'merece especialíssimo relevo a Missão do Dôndi, cujas múltiplas actividades assistenciais, escolares e religiosas constituem, há muitos anos, impressionante testemunho da Caridade de Cristo a favor dos mais necessitados, material e espiritualmente'*²³.

¹⁷ *Ibidem*, p. 416.

¹⁸ BAUER, John, *2000 Anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*, Edições Paulinas, Lisboa, Luanda, Maputo 1994, p. 228.

¹⁹ Cf. CEAST, *Anuário Católico de Angola e S. Tomé*, ed. CEAST, Luanda, 1988, pp. 523-526.

²⁰ BAUER, John, *o.c.*, p. 228.

²¹ Cf. HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, pp. 47-55.

²² *Ibidem*, pp. 59-64.

²³ NEVES, Fernando Santos, *Para Um Ecumenismo Omnitotidimensional em Angola*, Ed. Colóquios, Luanda, 1975, p. 131.

Daqui para a frente foi imparável o aumento de Confissões Protestantes em Angola. Fátima Viegas, directora Nacional do Instituto Nacional para os Assuntos Religiosos do Ministério da Cultura, escreveu um livro sobre todas as religiões reconhecidas pelo Estado Angolano, em 1998, e apontou 67 Igrejas Protestantes. Refere ainda a existência de duas Federações Protestantes: a Aliança Evangélica de Angola e o Conselho das Igrejas Cristãs de Angola.²⁴

Acordo Missionário de 1940

O oitavo centenário da independência de Portugal e o terceiro da sua Restauração, foram o pretexto da Santa Sé e do Governo Português para elaborarem uma Concordata. Esta seria assinada a 7 de Maio de 1940, com um Acordo Missionário indexado, como seu complemento, para regular mais em pormenor as relações entre a Igreja e o Estado, no que dizia respeito à vida religiosa no Ultramar português. Um ano depois, a 5 de Abril de 1941, publicou-se o Estatuto Missionário. D. Moisés Alves de Pinho, 34 anos bispo em Angola, diz nas suas Memórias: *'Para o Ultramar, o Acordo Missionário ficou a ter o mesmo valor que a Concordata (...) Devo dizer, em abono da verdade, que nada tive a ver com a elaboração do Acordo Missionário, contrariamente ao que já alguém pretendeu afirmar'*²⁵. Adélio Torres Neiva, historiador, apresenta as notas mais significativas deste Acordo: *'o reconhecimento por parte do Estado da personalidade jurídica às dioceses e institutos religiosos no Ultramar, assim como aos institutos missionários estabelecidos na Metrópole (art. 8.º); as missões católicas são consideradas instituições de utilidade imperial e sentido eminentemente civilizador (art. 2.º), podendo expandir-se livremente para exercer as formas de actividade que lhe são próprias (art.15.º); reconhece-se à Igreja o direito de propriedade, concedendo-lhe facilidades na sua utilização: os bens e objectos eclesiásticos são isentos de impostos e direitos alfandegários em larga medida (Estatuto Missionário, nn. 53 e 65); a divisão eclesiástica das colónias portuguesas é feita por dioceses e circunscrições missionárias (art.1.º)'*²⁶. Este Acordo veio a provocar um grande desenvolvimento dos Institutos missionários e ajudou a desenvolver o ensino. Também os Seminários diocesanos apareceram em quase todas as dioceses. Como aspectos negativos – diz ainda Adélio Torres Neiva – salienta-se a colagem da Igreja católica ao Estado, que prejudicou a caminhada dos povos autóctones à independência e a identidade e originalidade das Igrejas locais.²⁷ Na perspectiva protestante, segundo o Pastor Henderson, o Acordo Missionário colocava a Igreja católica em posição de superioridade em relação às outras Igrejas. Em jeito de balanço, concluiu que *'a estreita aliança entre a Igreja Católica e o Estado português deu à Igreja uma certa força política, mas enfraqueceu-a espiritualmente, ao passo que a comunidade protestante, apesar de desfavorecida sob o ponto de vista político, beneficiou espiritualmente daquela situação'*²⁸. Também o Pastor Schubert diz que a Igreja católica era responsável pelo ensino das crianças angolanas, um ensino dirigido a uma perfeita nacionalização e moralização dos indígenas. Por isso, a Igreja era obrigada a identificar-se com os planos oficiais

²⁴ Cf. VIEGAS, Fátima, *Angola e as Religiões*, ed. autora, Luanda 1999, pp. 413-415.

²⁵ PINHO, Moisés Alves, *Memórias*, ed. autor, Lisboa 1979, p. 274.

²⁶ NEIVA, Adélio Torres, «Acordo Missionário», in *Dicionário de História Religiosa de Portugal, A-C*, ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, p. 20.

²⁷ Cf. *Ibidem*.

²⁸ HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, p. 276.

de civilização e os programas de colonização. Em suma, estava manietada.²⁹ Fátima Monteiro apresenta um balanço final muito negativo porque *'ao atingir-se a década de 50, o insucesso da 'acção civilizadora' transparecia das taxas de analfabetismo nas colónias portuguesas, cujas percentagens ascendiam à casa dos 90-99% na Guiné, 98% em Moçambique e 97% em Angola'*³⁰.

As igrejas e o nacionalismo angolano

1961, a luta pela independência

O Pastor Schubert escreveu todo um capítulo da sua tese sobre o ano 1960 em que ele considera que o colonialismo português está em fase terminal.³¹ Por isso, é aceite com naturalidade que comece a luta pela independência em 1961, de forma oficial, com o ataque, a 4 de Fevereiro, de membros do MPLA a duas prisões de Luanda, a fim de libertar alguns presos políticos. Mas, para trás, está já um longo caminho percorrido, para o qual muito contribuiu a Resolução 1514 da ONU que reconhecia o direito dos povos à autodeterminação, a independência da Índia com Gandhi, as lutas renhidas pela independência nos territórios da Argélia e Indochina e, sobretudo, a fundação, em 1944, em Lisboa, da Casa dos Estudantes do Império, *'ponto de encontro e de debate político dos futuros dirigentes da África portuguesa, convertendo-se numa verdadeira incubadora dos respectivos movimentos nacionalistas'*.³² Por ali passariam Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Mário Pinto de Andrade, Marcelino dos Santos, Alda Espírito Santo.

Foram nascendo partidos armados nacionalistas. Primeiro a UPNA/UPA (mais tarde, FNLA), depois o MPLA e, já em 1964, a UNITA. Seriam estas as três forças que se assumiriam como legítimos representantes do povo angolano à hora da independência, a 11 de Novembro de 1975.

O Pastor Henderson tem um grande capítulo sobre este período que vai de 1961 a 1975, que mostra a transição de colónia para Estado independente. Fala das prisões feitas aos nacionalistas, do 4 de Fevereiro de 1961, da expulsão de missionários protestantes e da guerra que se foi estendendo por todo o país que obrigou a uma grande mobilização militar de Portugal em direcção a Angola. O autor refere muitos acontecimentos que envolveram as Igrejas, assunto que retomarei adiante.³³ Igual perspectiva apresenta o Pastor Schubert num extenso trabalho que ocupa 51 páginas da sua tese de doutoramento. Como ponto de viragem apresenta a Revolução dos Cravos, em Portugal, a 25 de Abril de 1974, que viria a pôr fim à guerra colonial e a abrir as portas à independência das ex-Colónias. Também este autor dá grande relevo ao papel que as Igrejas desempenharam neste contexto de guerra que levou à criação do novo Estado Angolano.³⁴

²⁹ Cf. SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, p. 50.

³⁰ MONTEIRO, Fátima, «A Génese do Estado-Nação em Angola», in *RES-PUBLICA*, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2006, p. 30.

³¹ Cf. SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, pp. 37-58.

³² MONTEIRO, Fátima, *o.c.*, p. 30.

³³ Cf. HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, pp. 301-337.

³⁴ Cf. SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, pp. 63-114.

As Igrejas e a construção da Identidade Nacional

Por tudo quanto já foi dito, com o Acordo Missionário e o Estatuto Missionário, a Igreja Católica, enquanto instituição, ficou muito colada ao Governo Português e tinha mesmo responsabilidades atribuídas e apoiadas que implicavam lealdade no desempenho de certas funções. Era óbvio, neste contexto, que a Igreja católica tinha de ajudar a perpetuar o regime colonial de Portugal. Mas esta constatação não invalida que tenham surgido no seio da Igreja católica muitos focos de resistência e reacção que contribuíram para o sucesso da luta pela Independência.

As Igrejas Protestantes tiveram, desde a primeira hora, mais distância em relação ao Governo e, por isso mesmo, mais liberdade de consciência para intervir nesta luta anticolonial. E algumas delas fizeram-no à custa de perseguições, prisões e expulsões do território. Veremos adiante.

O Pastor Schubert inicia a segunda parte do III capítulo da sua tese de doutoramento com afirmações que ajudam a entender o que estamos a estudar: *'Uma visão propagandística transforma tendências em factos e afirma que os Protestantes teriam tomado o partido dos movimentos de libertação, enquanto que os católicos teriam continuado a abençoar o sistema colonial. De facto, também existiam círculos no protestantismo que consideravam o poder colonial português como autoridade legítima, porque instituída por Deus, bem como também havia agrupamentos católicos que apoiavam a luta contra o colonialismo.'*³⁵

Basta olhar para os grandes nomes dos futuros partidos políticos de Angola para verificar a influência das Igrejas: Holden Roberto, Jonas Savimbi e Agostinho Neto eram protestantes. Mário Pinto de Andrade e José Eduardo dos Santos eram católicos.

O Pastor Henderson, também ele missionário protestante em Angola de 1948 a 1969, diz que as relações pessoais entre os administradores e os missionários protestantes eram, regra geral, amistosas, embora as autoridades portuguesas forçassem a uma melhor relação com os católicos. Mas, quando se tratava de defender o Estado Português, a polícia não olhava a confissões religiosas. Por exemplo, nas célebres prisões de Junho de 1960 foram encarceradas 52 pessoas, entre as quais o protestante Agostinho Neto e o padre católico Joaquim Pinto de Andrade.³⁶ Este seria mesmo deportado para Lisboa, a 1 de Julho, para a cadeia política do Aljube, onde foi colocado em isolamento. Em Novembro foi enviado para a Ilha do Príncipe, acabando por regressar a Lisboa, em Março de 1961, sendo de novo colocado no Aljube, incomunicável.³⁷

O ataque às Igrejas e pastores protestantes

A primeira Missão protestante, fundada em Angola, a de São Salvador do Congo, foi também a primeira a receber ordem de encerramento, em 1961. O comando militar português tomou de assalto as instalações onde funcionava uma Igreja, uma escola, vários dormitórios, um hospital e as residências de quantos ali trabalhavam. Foi o início das investidas da tropa portuguesa contra quem não dava sinais de apoiar o governo colonial. A história continuou com o encerramento das Missões de Quibocolo, do Bembe, de Calambata³⁸. Nos finais de 1962, todas as Missões da Canadian Baptist

³⁵ SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, p. 84.

³⁶ Cf. HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, p. 303.

³⁷ Cf. *Ibidem*, p. 305.

³⁸ Cf. *Ibidem*, p. 307.

Foreign Mission Society retirou-se de Angola. O resultado foi dramático, em termos numéricos: 'no seu relatório anual de 17 de Agosto de 1961, o secretário-geral da Aliança Evangélica de Angola revelou que o número de missionários protestantes em Angola tinha passado de 256 no dia 1 de Janeiro de 1961 para 167 em Agosto do mesmo ano, o que equivalia a uma redução de 34,7%'³⁹. Tudo isto por causa do encerramento de algumas missões e pela não concessão de vistos de entrada a quantos, depois de gozarem a sua licença, pretendiam regressar a Angola.

As expulsões e detenções prolongaram-se no tempo e afectaram todo o território angolano. Dois dos casos mais mediatizados foram o do missionário metodista Raymond Noah, detido pela Pide, em Julho de 1961, e o do médico Rodger Shields, missionário em S. Salvador. Este acabaria por abandonar Angola por não ter condições para exercer a sua missão, com liberdade e sem ameaças.⁴⁰ A Igreja Metodista sofreria ainda a prisão, em Setembro de 1961, do Reverendo Júlio Miguel e seus três filhos, Emílio de Carvalho (hoje Bispo), João Carvalho e Roberto Carvalho.

O Governo, em 1963, obrigou os missionários protestantes a receber autorização da Pide para deslocações fora das suas zonas administrativas, proibiu a emissão de programas da rádio pelos protestantes e o envio de literatura para diversos pontos de Angola, a partir da tipografia da Missão do Dôndi⁴¹.

Caso singular é o do Pastor Henderson e sua família, impedidos de regressar a Angola em 1969, após gozo de férias nos EUA, seu país natal. Chegado a Angola, em 1948, o Pastor Henderson realizou um trabalho notável e foi um dos precursores do Ecumenismo que ainda hoje marca passo. Foi o primeiro pastor protestante a dar aulas a futuros padres católicos, no Seminário Maior do Huambo que, com o P. Fernando Santos Neves se chamou, durante algum tempo, o Instituto Superior Católico, criado a 16 de Junho de 1966 pelo então Bispo de Nova Lisboa, D. Daniel Gomes Junqueira.⁴² Foi ainda notável, em termos ecuménicos, o facto do livro de Fernando Santos Neves sobre 'Ecumenismo em Angola' ter sido escrito com um 'buraco' entre as páginas 120 e 165, para ali integrar a perspectiva protestante, escrita pelo Pastor Henderson. Deu muita polémica em Nova Lisboa neste ano de 1968.⁴³

O Pastor Henderson viveria longos anos em Portugal onde escreveu a sua *História da Igreja em Angola*, obra ecuménica de referência. Frei Bento Domingues fez o prefácio e apresentou o autor como um cristão notavelmente culto e notavelmente ecuménico. A imagem que melhor corresponde à Igreja em Angola é a de um rio muito vasto atravessado por várias correntes. Esta é – como escreveu D. António Ferreira Gomes ao Dr. Joaquim Pinto de Andrade – a Igreja essencial.⁴⁴

Padres católicos nacionalistas

Abro agora um espaço sobre padres católicos que lutaram pela independência e pagaram com a prisão e/ou com o exílio a sua opção política. Sirvo-me das duas obras

³⁹ *Ibidem*, pp. 308-309.

⁴⁰ Cf. *Ibidem*, p. 310.

⁴¹ Cf. *Ibidem*, p. 325.

⁴² Cf. NEVES, Fernando Santos, *Quo Vadis, Angola?* Editorial Colóquios, Angola, 1974, p. 182.

⁴³ Cf. NEVES, Fernando Santos, *Ecumenismo em Angola. Do Ecumenismo Cristão ao Ecumenismo Universal*, Editorial Colóquios, Nova Lisboa, 1968.

⁴⁴ Cf. DOMINGUES, Bento, «Prefácio», in HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, pp. 6-8.

de referência dos pastores Schubert e Henderson, de uma lista recentemente publicada por D. Francisco da Mata Mourisca (Bispo do Uíge) e de um trabalho de campo realizado pelo Dr. Manuel Gonçalves que foi missionário em Angola durante largos anos e conheceu pessoalmente todos padres de que falaremos a seguir.

Começamos pelas primeiras vítimas do colonialismo, servindo-nos da lista de D. Mata Mourisca: *'Longe de serem pessoas anónimas, alguns são figuras de relevo na hierarquia da Igreja, que vale a pena recordar: P. Alexandre do Nascimento (hoje Cardeal e Arcebispo Emérito de Luanda); Cónego Monsenhor Manuel das Neves; P. Manuel Franklin da Costa (foi Bispo do Saurino, arcebispo do Huambo e do Lubango); P. Joaquim Pinto de Andrade; P. Lino Guimarães; P. Vicente José Rafael; P. Domingos Gaspar; P. Alfredo Osório e P. Martinho Campos'*.⁴⁵ Juntam-se os estrangeiros, padres Fernando Santos Neves, Waldo Garcia, Jorge Sanches, José Veiga e Salvador Cabral.

A revolta de 15 de Março de 1961 levou a Pide e os funcionários da administração a um verdadeiro ataque aos 'centros de terrorismo'. Houve muitas detenções. A Igreja católica pronunciou-se sobre a violência, quer da revolta quer das represálias. Na cadeia estavam os padres católicos mais influentes. O P. Joaquim Pinto de Andrade, o Monsenhor Cónego Manuel das Neves (Vigário-Geral da Arquidiocese de Luanda), o Frei Nascimento (editor do jornal *Apostolado*) e o P. Manuel Franklin da Costa (secretário do Arcebispo de Luanda).⁴⁶

O Cardeal Alexandre do Nascimento foi enviado pelo Arcebispo D. Moisés Alves de Pinho estudar Teologia a Roma. Ordenado padre em 1952, leccionou Teologia Dogmática no Seminário de Luanda. Em 1961, foi obrigado a deixar Luanda e, em Lisboa, tinha apoio financeiro da Arquidiocese de Luanda e residência na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, onde ainda hoje passa boa parte dos seus dias. Aproveitou para fazer uma licenciatura em Direito, na Universidade de Lisboa, onde recebeu já o Doutorado *Honoris Causa*. Regressado a Angola, seria nomeado Bispo de Malanje (1975), arcebispo do Lubango, onde seria raptado pela UNITA e onde receberia do Papa o Cardinalato, a 2 de Fevereiro de 1983. Foi nomeado Arcebispo de Luanda em 1986, cargo que exerceu até se tornar Emérito e ser substituído por D. Damião Franklin. Foi Presidente da Caritas Internacional, da Conferência Episcopal de Angola e S. Tomé, Magno Chanceler da Universidade Católica de Angola, relançou a Rádio *Ecclesia* e aguarda-se com muita expectativa a sua autobiografia de que acaba de sair o I Volume, onde conta a história da sua vida até à ordenação como padre. É uma das grandes figuras da Igreja e da sociedade angolanas.

O Cónego Manuel das Neves nasceu no Golungo Alto, a 25 de Janeiro de 1896, foi ordenado padre em Lândana (Cabinda), em 1918. Em 1932⁴⁷, D. Moisés Alves de Pinho nomeia-o Cónego da Sé Catedral de Luanda. O Pastor Schubert diz que o Cónego Neves é honrado como herói da resistência.⁴⁸ Carlos Pacheco, historiador angolano, diz ter reconstituído a rebelião de 1961, recorrendo aos textos disponíveis e, sobretudo, a testemunhos de sobreviventes. E conclui: *'Na origem da rebelião de 1961, como seu inspirador, esteve o Cónego Manuel das Neves, mestiço, natural do Golungo Alto e missionário da Arquidiocese de Luanda. Umhas três centenas de homens escutaram a sua voz e*

⁴⁵ MOURISCA, Francisco da Mata, «Igreja Católica, ontem e hoje. Os apregoados privilégios», in *Apostolado*, Setembro 2002, p. 5.

⁴⁶ Cf. HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, p. 322.

⁴⁷ Cf. GABRIEL, Manuel Nunes, *o.c.*, pp. 430-431.

⁴⁸ Cf. SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, p. 94.

hastearam o pendão da revolta. Nenhum tinha ligações ao MPLA⁴⁹. Diz o P. Manuel Gonçalves que ‘*Quem mais sofreu em Luanda, muito hostilizado pelos europeus, foi o cónego Manuel das Neves. Era Vigário-Geral e Pároco da Sé. De facto, tinha relações com os membros dos dois partidos (MPLA e FNLA) que conspiravam pela independência, mas sem praticar actos contra a lei: limitava-se a aconselhar, a ajudar as famílias dos “patriotas” que iam sendo presos; parece certo que foi ele um dos principais inspiradores do 4 de Fevereiro. Os europeus espalharam boatos caluniosos: que envenenava as hóstias, que tinha armas escondidas na catedral atrás do altar, que coligia dinheiro para os “conspiradores”. D. Moisés enfrentou críticas e hostilidade, mas sempre defendeu que o seu Vigário-Geral não fizera nada de mal*’⁵⁰. O cónego Manuel das Neves foi “posto” na Casa de Retiros de Soutelo, dos Jesuítas, em Braga. Padre bondoso e simples, era apreciado pelas pessoas com quem ia contactando. Faleceu ali: ‘*Era idoso, e o isolamento e a tristeza devem ter contribuído para isso. Mas houve “sarrilho”, pois os meios hostis ao Governo puseram dúvidas sobre a causa da sua morte. Soube-se que a Pide não deixou fazer o funeral, e enterrou-o ela mesma no cemitério local durante a noite. O cónego Manuel das Neves era muito apreciado pelos meios “patrióticos” em Luanda. Com a melhoria das relações com Portugal, o Governo angolano quis o seu regresso à terra. Foi homenageado como herói, e teve funeral promovido pelo Governo. Uma das grandes ruas de Luanda tem o seu nome*’⁵¹.

O P. Manuel Franklin da Costa nasceu em Cabinda em 1921, estudou Filosofia e Teologia em Luanda. Ordenado padre em 1948, deu aulas no Seminário e foi mandado a Paris, em 1953, onde estudou Canto Gregoriano e Espiritualidade no Instituto Católico de Paris. Regressado a Luanda foi Vice-Reitor do Seminário Maior, trabalhando também no jornal *Apostolado*. O seu exílio em Portugal começa quando, em 1960, ele acompanhou o Arcebispo a Roma e foi detido, em Lisboa, na véspera de embarcar para Luanda. Ficou em Portugal até 1974, primeiro na Paróquia de Alcântara e depois em Braga com os Jesuítas. Foi Professor na Faculdade de Filosofia e ali preparou e viria a defender a tese de Doutoramento sobre Jean-Paul Sartre.⁵² Regressado a Angola em 1974, foi nomeado Reitor do Seminário de Luanda, Bispo de Saurimo (1975), Arcebispo do Huambo (1977), Arcebispo do Lubango (1986) até se tornar Arcebispo Emérito em 1997.

D. Franklin da Costa escreveu a história com o seu próprio punho: ‘*Em 1960, logo depois da Páscoa, quis o Sr. D. Moisés Alves de Pinho que o acompanhasse na visita ‘Ad Limina’, a Roma. Exultei de alegria e tive a feliz sorte de conhecer pessoalmente o bom papa João XXIII.*

*Percorri um pouco a Europa: Roma, Paris, Munique (Congresso Eucarístico Internacional), Madrid, Lisboa. Todavia, a Pide não me autorizou o regresso a Angola, com o pretexto de que não era conveniente nessa altura. Como eu era o representante dos indígenas no conselho legislativo, não convinha que eu estivesse informado das injustiças de que eles eram vítimas e falasse delas nas reuniões do conselho. Aliás, os indícios contra o tratamento dos indígenas, já se manifestavam com clareza. O governo português devia ter notado isso, pelo menos desde 1957 e começado a preparar uma elite de confiança, em vez de ter enviado a famigerada Pide para Angola. Restou-me a alternativa de estudar Filosofia em Braga, sendo, depois, professor’.*⁵³

O P. Joaquim Pinto de Andrade nasceu no Golungo Alto em 1926. Formado em

⁴⁹ PACHECO, Carlos, «A rebelião de um sacerdote», in *O Público*, 3-6-2006, p. 6.

⁵⁰ GONÇALVES, Manuel, in Anexo II.

⁵¹ *Ibidem*.

⁵² Cf. HENDERSON, Lawrence, *o.c.*, pp. 192, 378, 379.

⁵³ COSTA, Manuel Franklin, «Interesses matam pessoas», in NEVES, Tony, *Angola. A Igreja Católica pela Paz*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 2001, p. 21.

Roma e ordenado padre seria, às portas do 4 de Fevereiro, o Chanceler da Arquidiocese de Luanda. Preso a 25 de Junho de 1960, seria deportado para a cadeia do Aljube, em Lisboa, a 1 de Julho. Após passagem pelo Príncipe, regressaria ao Aljube. O P. Manuel Gonçalves acompanhou o seu exílio e diz: *‘O P. Pinto de Andrade, da cadeia, conseguia mandar mensagens para os numerosos estudantes “ultramarinos” em Lisboa. Como a sua pena era temporária em reclusão, foi liberto passado esse tempo; mas, pouco depois voltava ao Aljube, por espalhar panfletos no meio estudantil angolano e ter contacto com membros do MPLA. Tinha contra ele o facto de ser irmão de sangue do Mário Pinto de Andrade, que foi um dos fundadores do MPLA, e em Paris, onde era professor de Literaturas Africanas, na Sorbonne, fazia propaganda hostil ao colonialismo português.*

Num primeiro tempo, os Padres exilados foram mantidos em Lisboa e eram obrigados a apresentar-se semanalmente à Polícia e não podiam sair de Lisboa sem licença.(...) O P. Joaquim Pinto de Andrade foi “posto” em Singeverga. Queixou-se mais tarde de certa hostilidade da Comunidade Beneditina(...) O P. Joaquim Pinto de Andrade diz ter sido muito hostilizado pela polícia e políticos, e convenceu-se que nunca mais ia sair da prisão. Era visitado por estudantes angolanos e intelectuais e políticos portugueses opostos à guerra colonial (nessa altura muito criticada, crítica em que sobressaíam estudantes católicos da JEC-JUC, e meios ligados ao P.C.P.). Por não ver saída, apesar do apoio de D. Moisés, acabaria por abandonar o sacerdócio e casar, mantendo-se contudo sempre muito ligado à Igreja, até hoje’⁵⁴.

O Dr. Pinto de Andrade aceitou dar uma entrevista onde disse: ‘A partir dos anos 50, acalentámos o sonho da independência e propusemo-nos a construção de país novo e uma pátria de homens livres e solidários. Por este ideal nos sacrificámos e nos batemos. Mas, alcançada a independência, logo veio o desencanto: desentendimentos, ambições desenfreadas, ódios inter-partidários e não poucas intervenções de fortes potências levaram-nos a uma guerra fratricida de cerca de 20 anos. O país encontra-se hoje de rastos, com as infra-estruturas básicas destruídas, os sistemas de educação e de saúde desarticulados e em agonia, incontáveis milhares de mortos sem sepultura, chusmas de órfãos e estropiados ao desamparo, dez milhões de minas anti-pessoais semeadas por todo o território... Não é preciso continuar o rol de misérias para justificar a amargura do presente.

A dura realidade que acabo apenas de aflorar faz-me encarar o futuro com apreensão. Calaram-se as armas, há mais de dois anos, mas a paz ainda não chegou. E o espectro da guerra não foi de todo esconjurado. Ninguém nos garante que a guerra de alta ou baixa intensidade não volte a estalar.

O passo positivo maior foi, sem dúvida, a conquista e a proclamação da independência nacional, na medida em que esta é sinal da maioria de um país e permite a criação de condições para a afirmação de uma personalidade nacional, com sua cultura e os projectos autónomos de futuro, e para a dignificação e progresso de um povo. Infelizmente, tantos foram os passos em falso, que às vezes nos vem à boca a angustiante pergunta: mas valeu a pena?’⁵⁵

A Igreja Católica também teve perseguidos, expulsos e exilados entre os seus Missionários europeus. O P. Fernando Santos Neves chega a Angola em 1966, com os padres Jorge Sanches e Waldo Garcia, enviados para África por Monsenhor Lefebvre, bispo que era Superior-Geral dos Espiritanos e que não tinha aceite a renovação proposta pelo Concílio Vaticano II. O trabalho que se propuseram fazer foi o de colaborar na renovação da Igreja, com a aplicação das ideias do Concílio Vaticano II. Era preciso inve-

⁵⁴ GONÇALVES, Manuel, Anexo II.

⁵⁵ ANDRADE, Joaquim Pinto, «A paz ainda não chegou», in NEVES, Tony, o. c., p. 159.

stir em áreas delicadas como a Liturgia, o Ecumenismo, a Teologia, a Doutrina Social da Igreja.

A intervenção do P. Santos Neves em Angola aparece gravada no Capítulo IX do seu último livro. Fala do *aggiornamento* do Vaticano II, em Angola, 1965-1968. Tudo começou com os 'Colóquios de Pastoral' realizados, em Nova Lisboa, de 12 a 15 de Abril de 1966, com reedições no Lobito, de 11 a 16 de Julho e, no ano seguinte, de 28 a 31 de Março. Os III (e últimos) seriam realizados em Nova Lisboa, de 28 a 31 de Maio de 1968. Importante foi a criação do Instituto Superior Católico de Nova Lisboa, a 16 de Junho de 1966. Foram ainda organizados os primeiros Colóquios Sociais de Angola, a realizar em 1968, mas proibidos pela Pide, à ultima hora. Na segunda quinzena de 1967, realizou-se em Luanda uma 'Exposição Bibliográfica Vaticano II' e realizaram-se diversos Cursos sobre o Concílio.⁵⁶ Os livros *Ecumenismo em Angola. Do Ecumenismo Cristão ao Ecumenismo Universal e Liturgia, Cristianismo e Sociedade em Angola* foram logo apreendidos pela Pide, na tipografia: "O Padre que mais 'tumultos' provocou, Santos Neves, foi chamado e enviado para Lisboa, de onde ele foi para Paris; lá, finalmente, deixou o sacerdócio. Os seus dois colegas renunciaram sob protesto: Waldo Garcia regressou à Espanha e Jorge Sanches assumiu um cargo na direcção da Congregação em Roma"⁵⁷. Santos Neves manteve-se no exílio, em Paris, até ao 25 de Abril de 1974, continuando a escrever sobre Angola, a Negritude e a Revolução. De regresso a Portugal, integrou-se no mundo universitário e é hoje o reitor da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

A semente lançada no Huambo pelos três padres supra-referidas continuou a dar frutos. Formaram-se grupos de oposição na Igreja e surgiram cartas abertas a denunciar abusos das forças de segurança. Em Julho de 1970, é o Superior de todos os Espiritanos do Distrito de Nova Lisboa, o P. José Veiga, que surpreende os Bispos de Angola com um Projecto em ordem a uma nova forma de realizar a Missão da Igreja. O Projecto tinha a assinatura de 21 espiritanos. O P. Veiga apresenta o perfil dos novos missionários que devem partilhar a vida com as populações africanas, a missão deve exigir comunidades fraternas que vivem na pobreza com os frutos do seu trabalho. O texto considerava que a actual situação fazia a Igreja perder a credibilidade, no contexto do colonialismo português. O P. Veiga exigia uma resposta dos Bispos que foi um 'nim'..., ou seja, aceitava que os missionários que o quisessem poderiam fundar comunidades com o perfil apresentado no projecto, mas a Conferência Episcopal não encontrava razões para mudar nada de estrutural. Diante de muita pressão, o P. Veiga abandonou Angola.⁵⁸

O P. Salvador Cabral, nascido em Trancoso (Guarda), em 1943, ordenado padre em 1967, seguiu para Angola em 1968, nomeado para o Huambo. O caderno de reflexão político-eclesial *Revolução para o Terceiro Mundo* foi apreendido pela Pide, dois dias após a publicação. Em 1973, foi impedido de regressar a Angola. Depois de 20 anos na Ale-

⁵⁶ Cf. NEVES, Fernando Santos, *Do ecumenismo Cristão ao Ecumenismo Universal*, Ed. Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2005, pp. 141-160. Este livro é uma versão corrigida e aumentada de *Ecumenismo em Angola. Do Ecumenismo Cristão ao Ecumenismo Universal*, Editorial Colóquios, Nova Lisboa, 1968, 383 pp., e *Para Um Ecumenismo Omnitodimensional em Angola*, Editorial Colóquios, Angola 1975, 231 pp.

⁵⁷ SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, p. 96.

⁵⁸ Cf. SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, pp. 96-98; cf. ainda CABRAL, Salvador, *A Missão... nas teias da Pide*, Ed. Paróquia de Nine, Braga, 2005, pp. 224-257.

⁵⁹ Cf. CABRAL, Salvador, *A Missão... nas teias da Pide*, ed. Paróquia de Nine, Braga, 2005, 270 pp.; CABRAL, Salvador, *Revolução para o Terceiro Mundo*, ed. autor, Huambo 1972; reedição em 2003.

manha, é pároco de Nine (Braga). Conta, em dois livros, a perseguição de que foi alvo pela Pide, durante a sua permanência em Angola⁵⁹.

Audiência em Roma, Revolução em Portugal

Dois eventos ajudariam no caminho para a Independência de Angola: a Audiência que o Papa Paulo VI concedeu, a 1 de Julho de 1970, a Marcelino dos Santos (FRELI-MO), Agostinho Neto (MPLA) e Amílcar Cabral (PAIGC) que foi um passo deliberado, que irritou profundamente as autoridades portuguesas. De facto, o Vaticano II, com esta Audiência, reconheceu a existência destes Movimentos. Aliás, em 1967, na primeira viagem de um Papa a África, Paulo VI disse em Kampala que os africanos tinham de ser os missionários deles mesmos e reforçou o direito de todos os africanos à autodeterminação.⁶⁰

O segundo evento, decisivo, foi a Revolução do 25 de Abril de 1974 que previu, desde a primeira hora, o fim da guerra colonial e a consequente autodeterminação das Colónias.

Angola proclamou a sua Independência a 11 de Novembro de 1975, tendo começado uma guerra civil que só terminou em 2002 com o Memorando de Lwena.

Conclusão

O Nacionalismo em Angola foi nascendo e ganhando terreno à custa de muitas ajudas. Antes de mais, foi fundamental a intervenção dos próprios angolanos que, à medida que adquiriram estudos superiores, foram abrindo os olhos para realidades que se passavam noutros países e tomando consciência do direito que todos os povos têm de gerir os seus destinos. Depois, o facto de muitos povos colonizados terem, nos anos 60, alcançado a independência deu muita força a grupos nacionalistas emergentes que puderam receber apoios internacionais. Finalmente, a nível interno, apesar de todas as tentativas levadas a cabo pelo Governo português para se formar ‘um só povo e uma só nação do Minho a Timor’, houve muitas pessoas que ajudaram a crescer, dentro do território angolano, esta ideia de que a independência era um direito inalienável. E é aqui que entra o papel das Igrejas.

Comecei o trabalho por investigar a história do Cristianismo em Angola. Com altos e baixos, com momentos de muito investimento e outros de letargia quase absoluta, esta história com mais de 500 anos mostra que Angola se tornou (falo de estatísticas) um país maioritariamente cristão. Por isso, seria normal que fosse no seio das Igrejas que aparecessem focos de contestação à ordem estabelecida. O Governo português tentou controlar a situação colonial com intervenções legais que colavam a Igreja mais forte ao agir do próprio regime (o Decreto 77 de 1921, o Acordo Missionário de 1940, o Estatuto Missionário de 1941 podem situar-se neste âmbito estratégico), mas tal não impediu que numerosos missionários interviessem na luta anticolonial. Por isso, alguns foram presos, vigiados, perseguidos e até exilados. As Igrejas Protestantes, menos protegidas pelo Regime, tinham mais condições para investir na luta anticolonial. E não

⁶⁰ Cf. *Ibidem*, p. 115.

é por acaso que Agostinho Neto, Jonas Savimbi e Holden Roberto são filhos de influentes pastores protestantes.

Em Luanda, aparece em 1848 o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA) que lança, em 1951, a revista *Mensagem*: 'É nesse momento que pela primeira vez se verifica uma clarificação das noções de pátria e de nação em Angola, dando-se ênfase à definição por angolanos desses conceitos e reivindicando-se o reconhecimento duma nacionalidade diferenciada e autónoma da portuguesa'⁶¹. A data que o MPLA defende como marca histórica do início da luta armada (4 de Fevereiro de 1961), teve o Cónego Manuel das Neves como mentor, segundo a versão de alguns historiadores. Tal valeu-lhe a perseguição e o exílio no norte de Portugal, onde viria a morrer. Muitos, depois dele, viriam a sofrer da mesma forma. O Papa Paulo VI daria uma ajuda com a audiência concedida em Roma a Agostinho Neto, Marcelino dos Santos e Amílcar Cabral, acontecimento que criou grandes atritos diplomáticos entre Portugal e o Vaticano⁶². Bem mais tarde, a Revolução dos Cravos, a 25 de Abril de 1974, pôs fim ao envio de tropas para as Colónias e abria um tempo de negociações rápidas em ordem à concessão de independências.

Michael Comeford, na sua tese de doutoramento em Londres, salienta as consequências resultantes do facto dos partidos não se entenderem: 'Um aspecto notável do nacionalismo angolano antes da independência é a incapacidade dos partidos nacionalistas se unirem contra o mesmo 'inimigo' colonial. Desavenças internas graves enfraqueceram e diminuíram a eficácia das suas aspirações à independência'⁶³.

Pastores e Padres envolveram-se num processo imparável que viria a ter um ponto de chegada (e também de partida): o dia 11 de Novembro de 1975, data da independência. Iniciou-se, então, a guerra civil que, com um ligeira pausa em 1991 e 1992, se prolongou até 2002, ano em que foi morto o líder da Unita, Jonas Savimbi.

Na era de reconstrução que se seguiu ao fim dos combates, as Igrejas continuam a desempenhar um papel importante, o que constitui uma justa homenagem a quantos (e foram muitos) sofreram para que a liberdade fizesse parte do dia a dia das populações de Angola.

Bibliografia

- ANDRADE, Joaquim Pinto, *A paz ainda não chegou*, in NEVES, Tony, *Angola. A Igreja Católica pela Paz*, Editora Rei dos Livros, 2001, pp. 159-161.
- BAUER, John, *2000 anos de Cristianismo em África. Uma História da Igreja Africana*, Edições Paulinas, Lisboa, Luanda, Maputo 1994, 630 pp.
- CABRAL, Salvador, *A Missão...nas teias da Pide*, Ed. Paróquia de Nine, Braga, 2005, 270 pp.
- , Salvador, *Revolução para o Terceiro Mundo*, Ed. Autor, Huambo 1972; reedição em 2003.
- CEAST, *Anuário Católico de Angola e S. Tomé*, ed. CEAST, Luanda, 1988, 526 pp.
- COMEFORD, Michael, *O Rosto Pacífico de Angola. Biografia de um Processo de Paz (1991-2002)*, ed. Autor, Luanda, 2005, 318 pp.

⁶¹ MONTEIRO, Fátima, *o.c.*, p. 30.

⁶² Cf. SCHUBERT, Benedict, *o.c.*, p. 115.

⁶³ COMEFORD, Michael, *O Rosto Pacífico de Angola. Biografia de um Processo de Paz (1991-2002)*, ed. autor, Luanda, 2005, p. 5.

- COSTA, Cândido Ferreira, *Cem Anos dos Missionários do Espírito Santo em Angola. 1866-1966*, Ed. Espiritanos, Nova Lisboa, 1970, 430 pp.
- , Manuel Franklin, *Interesses matam pessoas'* in NEVES, Tony, Angola. *A Igreja Católica pela Paz*, editora Rei dos Livros, Lisboa, 2001, pp. 21-22.
- DOMINGUES, Bento, *Prefácio*, in HENDERSON, Lawrence, o.c., pp.6-8.
- GABRIEL, Manuel Nunes, *Angola. Cinco Séculos de Cristianismo*, Edição Literal, Braga 1978, 648 pp.
- , Manuel Nunes, *Padrões de Fé. As Igrejas Antigas de Angola*, Ed. Arquidiocese de Luanda 1981, 221 pp.
- HENDERSON, Lawrence, *A Igreja em Angola*, Editorial Além Mar, Lisboa, 1990, 494 pp.
- MONTEIRO, Fátima, *A génese do estado-Nação em Angola*, in RES-PUBLICA, Edições Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2006, pp.27-36.
- MOURISCA, Francisco da Mata, *Igreja Católica, ontem e hoje. Os apregoados privilégios*, in *Apostolado*, Setembro 2002, p.3-5.
- MUACA; Dom Eduardo, *Breve História da Evangelização de Angola*, Ed. CEAST, Luanda, 1999, 157 pp.
- NEIVA, Adélio Torres, *Acordo Missionário*, in 'Dicionário de História Religiosa de Portugal A-C, ed. Círculo de Leitores, Lisboa, 2000, pp. 19-20.
- , Adélio Torres, *Congregação do Espírito Santo. História da Província Portuguesa (1867-2004)*, Ed. Espiritanos, Lisboa, 2005, 944 pp.
- NEVES, Fernando Santos, *Do ecumenismo Cristão ao Ecumenismo Universal*, Ed. Universitárias Lusófonas, Lisboa, 2005, 229 pp.
- , Fernando Santos, *Ecumenismo em Angola. Do Ecumenismo Cristão ao Ecumenismo Universal*, Editorial Colóquios, Nova Lisboa, 1968, 383 pp..
- , Fernando Santos, *Para um Ecumenismo Omnitotidimensional em Angola*, Ed. Colóquios, Luanda, 1975, p. 231 pp.
- , Fernando Santos, *Quo Vadis Angola?* Editorial Colóquios, Angola, 1974, 287 pp.
- NEVES, Tony, *Angola. A Igreja Católica pela Paz*, editora Rei dos Livros, Lisboa, 2001, 198 pp.
- PACHECO, Carlos, *A rebelião de um sacerdote*, in 'PÚBLICO', 3.06.2006, p. 6.
- PINHO, Moisés Alves, *Memórias*, ed. Autor, Lisboa 1979, 354 pp.
- SCHUBERT, Benedict, *A Guerra e as Igrejas. Angola 1961-1991*, P. Schlettwein Publishing Switzerland 2000, 251 pp.
- VIEGAS, Fátima, *Angola e as Religiões*, Ed. Autora, Luanda 1999, 415 pp.